

ASSASSIN'S  
CREED

---

VALHALLA

A SAGA DE GEIRMUND

minotauro

Matthew J. Kirby

*Tradução*  
Petê Rissatti

 Planeta

minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright© 2020 Ubisoft Entertainment

Todos os direitos reservados. Assassin's Creed, Ubisoft e o logo da Ubisoft são marcas registradas ou não registradas da Ubisoft Entertainment nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Copyright desta edição© Editora Planeta do Brasil, 2020

Título original: *Assassin's Creed Valhalla Geirmund's Saga*

Publicado primeiramente por Aconyte Books em 2020 nos Estados Unidos da América e no Canadá.

Este é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Nenhum trecho dessa publicação pode ser reproduzido, armazenado ou transmitido, em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrônico, fotocópia, gravação ou outro meio, sem a autorização prévia da editora. Este livro é vendido sujeito à condição de que não seja, por meio de comércio ou outra forma, emprestado, revendido, alugado ou distribuído sem o consentimento prévio do editor em qualquer forma de encadernação ou capa diferente daquela em que é publicado e sem condição semelhante, sendo esta condição imposta ao comprador subsequente.

*Preparação:* Fernanda Cosenza

*Revisão:* Fernanda Guerriero Antunes e Laura Folgueira

*Diagramação:* Márcia Matos

*Capa:* adaptada do projeto gráfico original de Jung Gi Kim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kirby, Matthew J.

Assassin's Creed Valhalla: a saga de Geirmund / Matthew J. Kirby; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo: Planeta, 2020.  
368 p.

ISBN 978-65-5535-201-6

Título original: *Assassin's Creed Valhalla Geirmund's Saga*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Rissatti, Petê

20-4145

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2020

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PARTE UM

# UMA FACA COMUM

minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# CAPÍTULO 1



**O** S LOBOS APARECERAM QUASE NO MESMO INSTANTE em que o cervo-vermelho caiu, e Geirmund se perguntou por quanto tempo os animais os haviam seguido. A flecha de seu irmão não acertara direito no flanco do cervo, e o animal ferido tinha berrado e deixado uma trilha vívida de sangue, conduzindo-os por uma longa perseguição antes de enfim desabar na neve, soltando um último grunhido suspirado. Os sons e cheiros de sua morte provavelmente alcançaram as profundezas dos vales ao redor e o topo das colinas, tão fortes para a matilha de lobos quanto a convocação de uma trombeta de batalha.

— Quantos você conta? — perguntou Hámund.

Geirmund sondou a floresta, já na penumbra daquele fim da tarde, escurecendo cada vez mais. Os bosques de carvalhos mais abertos de antes haviam dado lugar a uma densa floresta montanhosa, onde todos os tipos de animal podiam se esconder. Troncos negros de pinho e bétula se viam dispostos em um arranjo silencioso e evanescente, pilares de um salão para o qual Geirmund e seu irmão não haviam sido convidados. Nenhuma lareira ou lanterna de pedra-sabão queimava por ali, e se tal salão tivesse um rei ou chefe, fosse troll ou espírito, aquele governante não lhes ofereceria proteção.

— Eu conto cinco — disse Hámund.

E aqueles eram apenas os lobos que se permitiam ser vistos. Geirmund desembainhou a espada e puxou o machado.

— Pode haver o dobro disso na retaguarda.

— Na retaguarda? — Hámund franziu a testa. — Você atribui a esses lobos a astúcia militar de um grupo de ataque.

— É o que eles são, à sua maneira. — Geirmund avistou a líder da alcateia quando ela se esgueirou entre as árvores e parou em plena vista,



como se olhasse fixo em seus olhos para ter a certeza de que ele entendera que ela sabia tudo sobre ele. Seus pelos se eriçaram, uma pelagem da cor de madeira molhada, e, embora fosse grande, havia outros ali ainda maiores. Isso significava que ela não governava apenas pela força.

— Esses lobos podem não conduzir navios, mas são como vikings.

Hámund continuou provocando.

— Só falta você dizer que eles vão tentar nos flanquear.

— Certamente tentarão fazer isso.

Agora Hámund estava zombando dele, e Geirmund explodiu.

— Talvez se você tivesse passado menos tempo bebendo cerveja e elogiando jarls com nosso pai, saberia como os lobos caçam.

Hámund parou de rir, porém não respondeu. Geirmund avaliou o silêncio do irmão gêmeo mais velho e soube que o insulto lhe valeria uma resposta mais tarde, por mais verdadeira que fosse a observação, mas não no perigo daquele momento. Vários membros da alcateia tinham avançado alguns passos em direção a eles, mantendo as cabeças baixas, os lábios retorcidos, com um trovão baixo nas gargantas.

— Eles querem o cervo — disse Hámund. — Talvez devêssemos deixá-los ficar com ele.

Geirmund olhou para a caça abatida: um cervo jovem, que ainda não havia lutado a fim de reivindicar seu rebanho de esposas. Sendo apenas o início do inverno, o animal ainda tinha seus chifres e, embora não fossem verdadeiros “troféus”, eram grandes o suficiente para serem usados como matéria-prima para se esculpir algo útil. Além disso, a pelagem vermelha e imaculada mantinha um brilho sedoso. E, claro, a carne daria uma boa refeição.

— Você os deixaria pegar o que é seu? — Geirmund perguntou.

— Você morreria por um cervo quando há uma despensa cheia em casa?

A franqueza da pergunta obrigou Geirmund a parar e reconsiderar. Fazia três dias que estavam longe do salão em Avaldsnes. O que havia começado como uma breve busca por pequenos animais rapidamente se tornara algo muito mais ambicioso. Sem encontrar animais de maior porte nas proximidades, seguiram o Álfjord a nordeste até as terras altas que se erguiam a sudoeste da vila de Olund, perto da fronteira com Hordaland. No entanto, ainda estavam a mais de um dia da vila, seu único refúgio caso a batalha corresse mal para eles. Geirmund não sentia o cheiro de fumaça no vento, nem de fogueiras. Apenas a fragrância das árvores e o almíscar do solo encharcado sob a neve.

— Viemos até aqui porque você queria um cervo — disse Geirmund.

— Mas não à custa da minha vida. Ou da sua.

Geirmund estava inclinado a concordar com o irmão quando a líder da alcateia reapareceu de repente, tão fria e silenciosa como uma névoa saída de Niflheim, agora mais perto deles do que qualquer um dos outros lobos. Então, com a mesma rapidez, ela sumiu de vista, com a cabeça erguida. Geirmund, porém, tinha visto as brasas de Muspelheim naqueles olhos amarelos, um desafio ardente e destemido, uma fome por mais do que carne de cervo. Aquela loba conhecia caçadores e já os caçara. Geirmund podia sentir o ódio implacável daquele animal por eles, os dois homens que ousaram invadir suas montanhas, seu castelo na floresta.

No entanto, aquelas montanhas não lhe pertenciam de fato, e aquele cervo não era sua presa. Ela precisava ser informada disso.

— Se corrermos — disse Geirmund —, eles vão seguir nosso rastro e cortar nossas gargantas enquanto dormimos.

— Certamente não — respondeu Hámund, mas sem convicção.

— Eu também aposto que o povo de Olund conhece bem essa loba.

— E se conhecerem?

Geirmund virou-se para o irmão, carrancudo.

— Eles são de Rogaland e leais ao nosso pai. São nosso povo. E um dia você será o rei deles.

Hámund endireitou-se com a acusação que Geirmund quase tinha feito. Sua honra agora estava em jogo e seu destino, decidido.

— Venha, irmão. — Geirmund sorriu e ergueu as armas. — Você quer lutar? Ou prefere tentar negociar um acordo comercial pelo cervo? — Ele acenou com a cabeça em direção aos lobos. — Eles ficariam contentes em fazer uma oferta, mas não a nosso favor.

Hámund deslizou o arco de teixo pelas costas.

— Você pode ficar surpreso, irmão, mas aprendi algumas coisas úteis em minhas viagens. — Ele puxou uma flecha da aljava e a encaixou. — Por exemplo, aprendi que não se pode negociar com o mar, não importa quantas ofertas você faça, e não acho que é preciso ser caçador para saber que o mesmo se aplica aos lobos.

Geirmund se aproximou mais do irmão.

— Mire melhor do que fez com o cervo.

— Mantenha-os longe de mim para que eu possa fazê-lo.

Geirmund colou as costas às de Hámund, e os dois firmaram os pés para a luta iminente, enquanto os lobos começavam o cerco em busca de

uma fraqueza ou de uma abertura em suas defesas. A respiração dos animais criava uma névoa no ar, a luz fria da tarde tendo diminuído ainda mais nos últimos momentos, dando uma vantagem aos seus olhos de lobos.

Quando duas das feras finalmente atacaram, fizeram-no como uma só, mas vindas de lados diferentes. Geirmund ouviu o som do arco do irmão sobre seu ombro, seguido instantaneamente por um ganido, e então se abaixou e acertou com a espada o segundo animal, que se lançava para pegar a mão que segurava o machado. A lâmina atingiu a pata dianteira esquerda do macho maior, e a fera, quando recuou, o fez mancando, a pata pingando sangue pendurada por pouco mais do que a pele.

Geirmund olhou por cima do ombro para o alvo do irmão, que estava dobrado sobre si mesmo, a cabeça embaixo do corpo na neve, uma flecha saindo do espaço entre o pescoço e o ombro. Um tiro fatal e uma morte rápida.

— Muito bem, irmão — disse Geirmund.

— E o seu?

— Fora de combate. Mas nós...

A leva seguinte de lobos avançou rosnando em direção a eles. Eram quatro feras, com outras três ou quatro já circulando, prontas para contribuir com seus dentes e garras. Hámund disparou uma flecha e puxou outra da aljava, enquanto Geirmund batia o machado na cabeça do primeiro lobo que se aproximava do irmão. A flecha acertou o alvo, mas não fatalmente, e o lobo ferido tombou, levantou-se cambaleando e caiu novamente, enquanto o animal que Geirmund havia atingido rolou e ficou imóvel.

— Atrás de você! — gritou Hámund, preparando o arco.

Geirmund desviou-se para o lado quando a flecha passou assobian-do por ele; ouviu um baque e um gemido, mas não teve tempo de se virar e olhar. O quarto agressor saltou sobre ele antes que conseguisse erguer qualquer uma das armas. Então, o homem caiu sob o peso do animal, ouvindo o estalar dos dentes afiados nos ouvidos e sentindo o hálito rançoso no nariz. Geirmund ergueu o braço que segurava a espada para manter aquela boca longe de sua garganta, e o lobo o agarrou. Os dentes afundaram na carne, perfurando couro, lã e pele, e ele sabia que aquelas mandíbulas seriam capazes de quebrar seus ossos.

Ele arregalou os olhos e rugiu nas orelhas do lobo, então Hámund também rugiu, e o lobo se sacudiu de repente e largou o braço de Geirmund. O animal deu alguns passos vacilantes para longe, tateando o

focinho, com uma flecha espetada em um dos olhos. Para dar fim à luta, Hámund afundou mais a flecha, como se fosse uma adaga, pois ela não penetrara fundo o suficiente no cérebro para matar a fera de uma vez. Em seguida, ele puxou outra flecha para terminar o trabalho, e sua atenção ficou concentrada no animal que se debatia.

Geirmund ainda não havia se recuperado quando um quinto animal atacou, aproveitando aquela brecha em suas defesas. Ele lutou para se levantar, sangrando e escorregando na neve, mas não conseguiu alcançar o irmão a tempo. O lobo voou em Hámund, agarrou-o pelas roupas e pela carne embaixo do braço e o derrubou no chão.

— Não! — Geirmund gritou.

Ele havia perdido a espada, mas se lançou contra o lobo com o machado, cravando-o no meio das costas da fera com as duas mãos, cortando a espinha em duas. O lobo gritou e tentou fugir, arrastando as patas traseiras inúteis, e Geirmund pôs um fim rápido ao sofrimento dele antes de se virar para enfrentar a próxima investida.

No entanto, não houve investida, e a batalha terminou de repente. A matilha parecia ter simplesmente desaparecido, pelo menos por enquanto, deixando para trás os companheiros mortos e feridos. Geirmund pegou a espada e matou os dois lobos que ainda se contorciam. Foi quando percebeu a pata familiar, quase decepada, pendurada na perna dianteira do último algoz de seu irmão: uma ferida grave, mas que não impediu aquele lobo de voltar à luta com ainda mais bravura e ferocidade. Ou talvez o lobo simplesmente soubesse que estava para morrer e tivesse decidido enfrentar seu destino com os dentes arreganhados. Geirmund considerou ambas as escolhas dignas de honra. Ajoelhou-se ao lado do lobo com admiração, que silenciosamente se transformou em uma espécie de arrependimento.

— Eles foram embora? — perguntou Hámund.

Geirmund concordou com a cabeça.

— Vão voltar?

— Sempre — disse Geirmund. — Mas não hoje.

— Como está seu braço?

Geirmund olhou para baixo e percebeu algo pálido projetando-se da manga rasgada e avermelhada. A princípio, pensou que poderia ser o osso do braço, mas, no momento seguinte, percebeu que era apenas um dente de lobo. Ele o puxou e segurou na palma da mão, uma presa de marfim com uma raiz ensanguentada.

— Eu vou sobreviver — respondeu. Então, virou-se para avaliar o irmão, que o encarava, os olhos ainda brilhantes com o delírio enfraquecido da batalha, e viu a mancha vermelha escorrendo pela lateral do corpo de Hámund. — Temo que sua ferida esteja pior.

Hámund desviou o olhar do braço de Geirmund e olhou para si mesmo.

— Eu também vou sobreviver. O sangramento parece pior do que é.

— Tem certeza?

Hámund engoliu em seco e acenou com a cabeça, depois olhou para o campo de batalha.

— Pegamos seis deles.

Geirmund colocou a outra mão no flanco do lobo e pressionou os dedos no pelo espesso, sentindo as costelas do animal.

— Estão pele e osso — disse ele —, e com os dentes moles.

Não estavam sedentos por sangue nem eram malvados ou vingativos. Estavam apenas desesperados, mas Geirmund sabia que isso não mudava nada no fim das contas e fechou o punho ao redor do dente. Mesmo que o desafio e a raiva que vira nos olhos da líder da matilha fossem uma invenção de sua mente, simplesmente não havia terra e presas suficientes em Rogaland para alimentar todas as barrigas. A luta e a morte eram inevitáveis.

Geirmund ficou de pé.

— Precisamos montar acampamento. Acender uma fogueira e limpar nossas feridas; depois, tirar a pele dos animais. Partimos pela manhã.

Hámund piscou e acenou com a cabeça, e eles passaram a última parte do dia antes do pôr do sol limpando um pedaço do terreno e cortando lenha. Em seguida, Geirmund arrastou as carcaças dos lobos para mais perto da fogueira, enquanto Hámund se curvava para acender o fogo com o ornamentado acendedor que adquirira em uma das viagens com o pai para o leste, na Finlândia. O objeto tinha uma alça de bronze reluzente entalhada com dois cavaleiros opostos, montados em seus cavalos. No entanto, apesar de toda a decoração, não parecia produzir faíscas melhores do que o aço liso de Geirmund. Hámund demonstrava estar tendo dificuldades, por suas batidas fracas e ineficazes com a perneira. Geirmund estava prestes a intervir quando finalmente alguns fios de fumaça subiram da madeira. Hámund demorou a se levantar, aparentando estar cambaleante.

— Você não parece bem — disse Geirmund.

Hámund acenou com a cabeça.

— Eu me sinto... — ele falou, mas não terminou a frase.

— Sente-se. Deixe-me dar uma olhada no seu...

Hámund caiu no chão como se de repente tivessem lhe faltado os ossos.

Geirmund correu até ele.

— Olhe para mim — falou, dando um tapa na bochecha pálida do outro. — Olhe para mim!

Os olhos do irmão, porém, simplesmente se reviraram para trás das pálpebras semicerradas.

As camadas de roupa na lateral do corpo de Hámund pareciam pesadas e encharcadas. Geirmund cortou-as com a faca e descobriu uma ferida profunda, que ainda sangrava profusamente, embaixo do braço do irmão. Sugou o ar por entre os dentes ao vê-la e saltou em direção à fogueira. Colocou a ponta do machado nas chamas crescentes e em seguida encheu de neve um copo de pedra-sabão. Deixou o recipiente perto do fogo para a neve derreter e esquentar enquanto voltava para o lado do irmão, fazendo o possível para estancar o fluxo de sangue com a pressão das mãos.

— Hámund, seu tolo — sussurrou ele.

Alguns momentos depois, pegou o copo e despejou o conteúdo fumegante sobre o ferimento para limpá-lo. Então, pegou o machado e testou seu calor, jogando sobre o metal um pouco de neve, que chiou e desapareceu.

— Não sei se você consegue me ouvir — disse Geirmund, de pé ao lado do irmão —, mas se prepare. Isto vai doer.

Com isso, ele se abaixou e agarrou o pulso do irmão. Em seguida, ergueu o braço para expor totalmente o ferimento e pressionou a ponta do machado contra a carne rasgada. Hámund gemeu, mas não se encolheu quando o metal quente queimou sua pele, fazendo subir até o nariz de Geirmund fumaça e um aroma de carne cozida, que lhe causaram ânsia por saber de onde vinham.

Depois de alguns momentos, Geirmund puxou o machado, que desgrudou suavemente da pele, e ficou aliviado ao ver que a ferida de aparência maligna parecia ter sido estancada. Geirmund esperava que o fluxo não tivesse se voltado para dentro para encher a barriga e as costelas de Hámund, mas não poderia fazer nada a respeito se assim fosse. Enrolou uma tira de pano e encharcou-a com o resto do hidromel que havia deixado no odre. Enfiou a peça embaixo do braço do irmão, comprimindo-a

contra o ferimento, e amarrou o braço ao lado dele para segurar o curativo no lugar e manter a pressão sobre a ferida.

— Agora eu só preciso arrumar um jeito de tirar você deste lugar — disse ele, e voltou a atenção para os lobos mortos.

Escolheu os dois maiores – um deles, o lobo com a pata decepada – e os amarrou para esfolá-los à luz do fogo, procedendo da forma mais cuidadosa e mais rápida que podia com aquele trabalho bruto. Normalmente, teria cortado a barriga e as pernas para esticar as peles e deixá-las planas, mas, para o objetivo atual, precisava que a pele permanecesse inteira, o que exigia tempo, cuidado e força. Começou pelas pernas, fazendo cortes mínimos, e desgrudou o pelo deslizando-o pelo avesso ao longo do corpo, como se removesse calças justas que tivessem encolhido depois de molhar. Em alguns momentos, teve de usar o peso do próprio corpo para arrancar a pele da carcaça, suando com o esforço mesmo no frio, mas por fim conseguiu dois tonéis de pelo macio. Então, usou o machado para derrubar duas bétulas jovens, cada tronco da espessura de seu pulso, e cortou-as pela metade, na altura do irmão. Estendeu as peles de lobo do nariz à cauda e atravessou-as com as duas varas. Depois que os troncos de bétula foram separados, as peles ficaram bem esticadas, criando um trenó resistente e macio, ao mesmo tempo que isolava o ar frio e a neve embaixo dele.

Geirmund puxou essa cama móvel até Hámund e gentilmente a rolou sobre ela. Depois de amarrar o corpo dele ao trenó, junto com o arco e as outras armas, estavam prontos para partir.

Seria perigoso viajar à noite, mas Geirmund temia que fosse mais perigoso ficar ali, não apenas por causa dos lobos, mas também pelo risco que o irmão corria. Hámund precisava das habilidades de um curandeiro em Avaldsnes, alguém com a capacidade de evitar que aquela ferida ficasse pútrida, e precisava desse cuidado com urgência. Uma demora provavelmente significaria a morte de Hámund.

Geirmund baixou as carcaças dos lobos até a neve e as deixou ali, para o caso de a matilha retornar. Ele sabia que os lobos às vezes comiam os seus, mas, do contrário, também encontrariam o corpo do cervo-vermelho esperando por eles. Cortou alguns pedaços grandes de carne das ancas do animal, apenas o suficiente para alimentar a si mesmo e ao irmão na viagem de volta, e deixou o resto para trás.

Então, enrolou nas varas de bétula a corda que usara para amarrar os lobos, criando alças que cruzavam sobre o peito e os ombros.

Isso permitiria que Geirmund carregasse a maior parte do peso com as costas, deixando as mãos livres para firmar as varas e manter o nível do trenó. Quando içou a carga pela primeira vez, porém, o peso combinado do corpo do irmão, das peles de lobo e das varas de bétula o deixou sem fôlego e o fez tropeçar antes mesmo de dar o primeiro passo.

— Thór, conceda-me força — sussurrou, esforçando-se para recuperar o equilíbrio.

Em seguida, ele partiu.

## CAPÍTULO 2



# minotauro

**D**EPOIS DE UMA NOITE, UM DIA, OUTRA NOITE E outro dia, os músculos dos ombros de Geirmund finalmente ficaram dormentes onde as cordas impiedosas pressionavam sua carne como lâminas de machado. Os pés também estavam entorpecidos, por causa do peso empurrando os calcanhares contra o solo e da neve e do gelo que os recebiam, e as costas rígidas rangiam como um carvalho velho que cairia com a próxima tempestade. As varas tinham esfolado suas mãos através das luvas, e o peito queimava, bem no fundo, onde o ar gelado que inalava encontrava o fogo dos pulmões.

Já passava da madrugada do terceiro dia e, durante a noite, ele finalmente descera das rochas e da neve nas montanhas para as terras baixas, onde os prados e os campos abertos lhe davam menos problemas. Em alguns lugares, a grama alta molhada pela chuva oferecia um solo macio e escorregadio para arrastar o trenó, o que tornava a caminhada mais fácil por um tempo.



Mas isso também não durou.

Conforme o sol se aproximava do meio-dia, a dor deixou de ser sua inimiga e foi substituída por um oponente muito mais mortal. Os músculos das pernas e dos braços de Geirmund tremiam de exaustão, e as juntas e os ligamentos pareciam soltos e desgastados. Se a dor era um ataque direto contra o qual ele poderia se recompor e continuar, a fadiga era o cerco sem fim, disposta a esperar até que ele tivesse consumido todas as reservas, e assim, esgotado, finalmente caísse. Para resistir a ela, sabia que precisava dormir bem, mas esperava chegar a Avaldsnes sem parar, permitindo-se apenas o mais breve dos descansos para avaliar a condição de Hámund, cozinhar a carne de cervo e mastigar alguns pedaços dela, tendo fechado os olhos não mais que duas vezes por um período sem sonhos. No entanto, percebia agora que não tinha escolha. Seu corpo não aguentava mais.

Alguns acres à frente, avistou um grupo de azeleiras perto de um pequeno lago e decidiu que serviria bem como um local de descanso. Assim que o alcançou, desceu o irmão ao chão e depois desabou nas folhas molhadas e cascas de nozes estraçalhadas, envolto pelo cheiro doce e úmido de vegetação apodrecida.

Antes de se permitir dormir, examinou a cor de Hámund e viu se ele estava com febre. E, embora o rosto pardo do irmão ainda parecesse pálido, a testa não estava quente ao toque, o que Geirmund interpretou como um bom sinal. O irmão parecia perdido em um sono agitado desde que caíra inconsciente, resmungando e gritando às vezes, mas nunca em seu juízo completo. Geirmund considerou esse estado atual uma sorte, dada a dor e o desconforto que certamente estaria sentindo de outro jeito, desde que não fosse um sinal de algo ruim acontecendo com ele. Por esse motivo, Geirmund não tinha tentado despertá-lo antes e não o fez naquele momento, ao finalmente levantar a âncora da própria mente e deixar a maré levá-lo para onde quisesse. Quando abriu os olhos novamente era noite, e ele estava tremendo.

A dor havia retornado, mas Geirmund a recebeu bem, com uma vontade renovada de enfrentá-la. Rangendo os dentes, levantou-se e juntou lenha para uma pequena fogueira, planejando examinar o irmão à luz e se aquecer antes de tentar o último esforço da jornada. Ficou surpreso, porém, ao encontrar os olhos de Hámund abertos e observando-o.

— Como está se sentindo — perguntou Geirmund, indo até ele.

— Com coceira. Estas peles de lobo têm pulgas. — Hámund tentou sorrir. — Eu também me sentiria melhor se pudesse mijar e cagar.

Geirmund deu uma risadinha e afrouxou as correias que o prendiam ao trenó, depois o ajudou a se levantar.

— Cuidado com seu braço. Não tente levantá-lo.

— Não sei se conseguiria, mesmo que você não tivesse me amarrado.

Hámund mancou um pouco além do alcance da luz do fogo, e Geirmund esperou alguns instantes antes de chamá-lo. Em resposta, Hámund voltou, sem dizer nada, e deitou-se no trenó, soltando um gemido de dor. Geirmund ofereceu-lhe os últimos pedaços de carne fria de cervo que assara no dia anterior, ou no dia antes daquele. Era difícil lembrar.

— Onde estamos? — quis saber Hámund.

Geirmund sentou-se em frente ao fogo.

— Espero chegar ao salão antes do anoitecer de amanhã.

O irmão parou de mastigar.

— Você me carregou até aqui?

Geirmund jogou outro pedaço de avelaira nas chamas, lançando no ar fagulhas e uma espessa nuvem de fumaça com cheiro de nozes.

— O que mais eu deveria ter feito? Você estava com preguiça de andar.

— Isso eu estava mesmo. — Hámund riu, estremeceu e deu outra mordida na carne. — Acho que ainda estou com preguiça.

Geirmund via o orgulho e a preocupação nos olhos do irmão e conhecia os pensamentos dele tão bem quanto os próprios. Hámund não tinha forças para andar, mas também não queria ser um fardo. Geirmund deu de ombros.

— Mais um dia não é nada para mim.

— Mas para mim é — disse Hámund. — Sou eu que estou sendo picado por pulgas.

— Você já estava todo picado de pulgas. Seu clã de pulgas e o clã dos lobos podem formar um Parlamento.

Hámund deu uma risadinha, depois estremeceu novamente.

— Não me faça rir.

— Duvido que você tenha qualquer motivo para rir depois que partirmos. — Geirmund se levantou e pegou um punhado de folhas molhadas com as duas mãos. Jogou-as na pequena fogueira e apagou as chamas, mergulhando o bosque de avelairas na escuridão. — Está pronto?

Hámund olhou para o céu noturno e para as estrelas, como se tentasse determinar a que distância estavam do amanhecer.

— Agora?

— Sim. Acho que devemos ir. — Geirmund bateu as mãos para tirar o resto das folhas e sua voz ficou pesada, sem que tivesse intenção. — Você precisa de um curandeiro com habilidade maior do que a minha.

Hámund acenou com a cabeça, lentamente.

— Então, acho que devemos.

Geirmund moveu-se para amarrar o irmão ao trenó mais uma vez, pela última vez, mas agora Hámund estava acordado para gemer de dor. O som de seu sofrimento despertou pena em Geirmund, mas não mudava em nada o que precisava ser feito. Hámund, por sua vez, não proferiu uma única palavra ou qualquer reclamação, simplesmente fechando os lábios e os olhos com força durante sua provação. No entanto, quando Geirmund terminou, ele fez um pedido.

— Dê minha espada.

Geirmund fez uma pausa.

— Sua espada?

— Para segurá-la.

Geirmund percebeu o significado por trás do desejo do irmão e tentou afastar seus medos.

— O destino não acabou com você. E nem o pai. Ele iria para Valhalla pessoalmente para te buscar...

— Por favor, irmão. — Hámund abriu a mão perto do peito. — Minha espada.

Fosse necessário ou não, Geirmund não conseguia encontrar nenhum bom motivo para recusar ao irmão a honra de ter sua espada nas mãos, para o caso de chegar ao fim da vida antes de alcançarem Avaldsnes. Em seu íntimo, jurou que venceria as Nornas e seus fios, enquanto desamarrava a espada de Hámund de onde a prendera e a puxava da bainha. A arma tinha uma lâmina de aço fino de Frakkland – um presente do pai deles antes da primeira viagem marítima de Hámund – e, até onde Geirmund sabia, nunca havia provado o sangue de homem ou animal algum. Tinha um cabo enrolado em cordão de couro, um guarda-mão e um pomo incrustados com padrões circulares intrincados em prata e ouro. As ondulações e espirais que serpenteavam em seu comprimento frio brilhavam como um rio à luz das estrelas.

— Se você a deixar cair, não vou voltar para buscar — disse Geirmund com falsa severidade.

— Eu sei.

Ele enfiou a ponta da lâmina embaixo de uma das tiras perto dos joelhos do irmão, para mantê-la no lugar caso a pegada falhasse, e colocou o cabo na mão aberta dele.

— Obrigado. — Hámund fechou o punho em torno da espada e puxou-a para perto do coração.

Geirmund acenou com a cabeça e se moveu para a posição na frente do trenó; em seguida, se ajoelhou para deslizar as cordas sobre os ombros. Ao erguer o irmão, o peso das cordas cortou seus ombros com nova ferocidade, e ele se perguntou se seria capaz de remar depois disso, quando finalmente chegasse a hora de navegar no próprio navio.

— Acho que você está mais leve — disse ele. — Meu muito obrigado por ter largado aquela merda toda.

Hámund riu atrás dele, mas o riso logo foi sufocado por um gemido, que ficou mais intenso quando Geirmund se apoiou nas cordas e o trenó avançou.

Ele fez o possível para buscar terreno plano enquanto seguia um trecho de planície entre o Álfjord ao norte e o Skjoldafjord ao sul, mas ainda estava escuro. Empurrões e solavancos eram inevitáveis, e Hámund parecia gemer mais alto a cada tranco. Durante grande parte daquela noite, Geirmund usou as estrelas para permanecer na direção certa, mas perdeu esse referencial pouco antes do amanhecer, atrás de uma espessa nuvem escura que trouxe trovões e chuva. Hámund então ficou em silêncio, embora os pés de Geirmund escorregassem com mais frequência no solo úmido, fazendo-o tombar o trenó. Ele parou para ter certeza de que o irmão não havia piorado e caído inconsciente de novo, mas o achou apenas impávido.

— Poderia pelo menos cobrir meu rosto? — pediu ele com os dentes cerrados, o rosto voltado para o céu, olhos fechados com gotas de chuva presas nos cílios.

— Claro, eu deveria ter feito isso... — Geirmund puxou o capuz da capa de Hámund o máximo que pôde para cobrir o rosto do irmão, alcançando a ponta do nariz. — Está melhor assim?

Hámund acenou levemente com a cabeça. Os nós dos dedos que apertavam a espada estavam pálidos.

Geirmund suspirou e pegou o jugo novamente como um boi. A chuva caía forte e fria e ensopava a capa, a pele de animal e o couro nas costuras, mas ele finalmente chegou a uma região agrícola com estradas. Ao sudeste, uma elevação rochosa se erguia nua e cinza, mas

ele a circundou rumando para o sul, perto da costa do Skjoldafjord, e, conforme a manhã avançava, a chuva diminuía e uma névoa descia das alturas, reunindo-se nas partes baixas e na água. Geirmund seguiu a linha costeira do fiorde e, depois disso, as margens de um lago.

As estradas deveriam ter tornado o caminho mais fácil, mas a chuva transformara a terra em um atoleiro que sugava as botas de Geirmund e aderira às varas do trenó, endurecendo-as com lama pesada. Seu ritmo diminuiu mesmo que o corpo se esforçasse no limite das forças e o coração parecesse prestes a explodir. Duas vezes suas pernas simplesmente falharam, fazendo ele e o irmão caírem na lama; na terceira vez, ele simplesmente permaneceu lá, sem saber se conseguiria ficar de pé novamente.

— Alguma casa à vista? — perguntou Hámund. — Ou um lugar para buscarmos abrigo?

— Ainda não — respondeu Geirmund, com a mão no peito enquanto lutava para recuperar o fôlego, embora sentisse o cheiro de madeira queimada. — E mesmo... se houvesse, eu... eu ainda... precisaria buscar um curandeiro e... isso levaria muito tempo.

Geirmund pôs-se de joelhos e, a partir daí, levantou-se de novo.

— Posso esperar por um curandeiro — disse Hámund. — Encontre um lugar para me deixar e vá embora.

Geirmund pegou o jugo mais uma vez.

— Não vou deixar você em lugar nenhum.

— Mas você não pode...

— Já disse que não vou... — Geirmund tentou levantar a voz, mas o esforço apenas o deixou sem fôlego. — Não vou deixar você.

Ele pensou em sair da estrada com o trenó para buscar um terreno mais fácil, mas os campos de cevada ao redor haviam sido colhidos e pareciam mais intransponíveis do que no caminho à frente. Não havia nada a fazer a não ser seguir em frente. Nada além de estrada, de lama e das braças que ainda tinha que caminhar, mesmo que caísse mil vezes mais. Logo perdeu a noção das distâncias entre as colinas e árvores ao longe, concentrado apenas no intervalo entre cada passo, sem pensar em nada além do alcance de sua marcha enfraquecida. Ignorou até mesmo a crescente certeza de que não suportaria, não conseguiria suportar muito mais tempo, e de que não chegariam em casa. Ele continuou em frente.

Por fim, as nuvens de chuva se espalharam e a luz do sol fez o mundo úmido brilhar. Quando chegaram à ponta ao norte do Førrsfjord, viraram para sudoeste, seguiram a costa em direção ao estreito

de Karmsund e depois para casa. Embora talvez estivesse menos frio, Geirmund não recuperou suas forças com a mudança do clima, e ainda descobriu que agora tinha de apertar os olhos contra o brilho do sol refletido nas inúmeras pequenas poças na estrada.

— Você ouviu isso? — perguntou Hámund.

— Ouvi... o quê?

— Cavalos. Cavaleiros.

Geirmund parou e tentou escutar algo além do rugido ensurdecedor do esforço em seus ouvidos. Hámund tinha razão. Havia viajantes à frente deles. Pelo barulho, na curva seguinte. Suas vozes ecoavam pelas estradas enlameadas, amaldiçoando as más condições do clima e a chuva.

— Barulhentos demais para serem bandoleiros — disse Hámund.

Ele tinha razão novamente. Os bandoleiros não viajavam pelas estradas, exceto quando ficavam de tocaia em lugares vazios para assassinar e saquear os viajantes. Antes que Geirmund pudesse aguçar os sentidos para decidir se seria prudente sair da estrada, porém, os viajantes apareceram. Logo depois, os cavaleiros gritaram ao vê-los, e Geirmund pensou ter reconhecido a voz rouca e familiar de Steinólfur. Imaginou se uma loucura ou delírio não o teria tomado enquanto os cavaleiros corriam em direção a eles, mas quando se aproximaram ele viu não apenas Steinólfur, mas também seu jovem protegido, Skjalgi, um rapaz com uma cicatriz inconfundível no olho esquerdo. Junto com outros quatro homens de Avaldsnes, cavalgaram o pedaço da estrada entre sua companhia e Geirmund como se não fosse nada. Geirmund quase cambaleou de alívio ao vê-los.

— Espere! — Steinólfur chamou, puxando as rédeas a alguns passos de distância. — Geirmund, é você?

— Sou eu! — Geirmund respondeu. Um tremor tomou seus braços.

— O que é esse trenó que você está arrastando? — Steinólfur apeou e caminhou na direção dele. — Onde está Hámund?

— Este trenó é Hámund — disse Hámund.

Skjalgi também havia apeado, e os dois homens correram para pegar as varas do trenó das mãos de Geirmund. Tiveram de liberar as varas à força, não porque Geirmund se recusasse a soltá-las, mas por ele não conseguir abrir os dedos. Skjalgi então segurou o peso do trenó com os braços, enquanto Steinólfur erguia as cordas dos ombros de Geirmund.

— Pelos deuses — ele sussurrou ao fitar os olhos de Geirmund. — O que aconteceu com vocês?

— Lobos — explicou Hámund.

— Lobos? — Skjalgi lentamente colocou o trenó no chão. — Onde?  
— A um ou dois dias daqui — Geirmund completou. — Perto de Olund.

— Olund? — Steinólfur balançou a cabeça. — Vocês tinham saído para caçar esquilos. Seu pai mandou grupos de busca, mas nenhum foi para tão longe quanto Olund.

— Queríamos mais do que esquilos — disse Hámund.

— Steinólfur, me escute. — Geirmund finalmente encontrou as palavras para dizer o que precisava ser dito. — Meu irmão está gravemente ferido embaixo do braço. Precisa de um curandeiro.

Steinólfur olhou para Hámund.

— Você consegue montar?

— Consigo — disse Hámund. — Mas seria uma viagem bem curta.

— Ele vai precisar de alguém para segurá-lo no cavalo — avisou Geirmund.

Um membro da companhia falou, um homem chamado Egil.

— Meu cavalo pode carregar o Hel-hide.

Geirmund ignorou o uso do nome, ainda que o odiasse, pois ninguém que o usava tinha a intenção de insultá-lo de verdade.

Steinólfur acenou com a cabeça e disse:

— O cavalo de Egil é o mais forte. — Ele apontou para o cavaleiro e pediu a Skjalgi para desamarrear Hámund do trenó. Então, voltou-se para Geirmund: — E você? Esse braço não parece bom.

Geirmund olhou para baixo. Havia se esquecido do próprio ferimento, e àquela altura o sangue já secara nas camadas de roupa, misturando-se com lama onde o tecido e o couro haviam rasgado.

— Não cuidei dele ainda.

— Vou dar uma olhada nele — disse Steinólfur —, assim que seu irmão estiver a caminho.

Geirmund então observou enquanto Egil se aproximava em seu poderoso cavalo, um garanhão com uma crina e pelagem dourados, e então vários homens se reuniram para colocar Hámund sobre a sela na frente do cavaleiro. Quando ele estava acomodado, Steinólfur dirigiu-se aos outros de seu grupo.

— Skjalgi e eu iremos atrás de você com Geirmund. Hámund precisa chegar ao salão do rei Hjörr antes do pôr do sol.

Os cavaleiros assentiram e, um momento depois, Geirmund os observou galopar levando seu irmão, a lama voando alto dos cascos dos cavalos.

— Tenho que ir com ele — disse. — Nós temos que...

— Você não vai a lugar nenhum até que eu dê uma olhada no seu braço. — Steinólfur tirou Geirmund da estrada e o levou para a sombra de um grande freixo. Geirmund estava exausto demais para reclamar. — Depois disso — acrescentou Steinólfur —, você pode me dizer por que não deixou Hámund lá para morrer.

## CAPÍTULO 3



# minotauro

**G**EIRMUND MONTOU EM UMA RAIZ DO FREIXO COM as costas apoiadas no tronco. Os galhos nus alcançavam o alto, se estendiam longe, e as folhas douradas que haviam caído pareciam uma coroa no chão ao redor dele. À esquerda, o Førrsfjord brilhava ao sol, sua costa talvez a cem braças de distância, enquanto terras agrícolas e pastagens cobriam as colinas baixas à direita.

Ao lado da árvore, Steinólfur foi fazer uma pequena fogueira. O guerreiro mais velho se movia de forma rígida, um indício de batalhas passadas e suas cicatrizes, e muitas vezes parecia a Geirmund que os quinze verões entre eles continham mais fios de vida do que naturalmente preencheriam aquele tempo. Steinólfur já estava com a barba castanha grisalha e a pele, se fosse de couro, já não daria para um novo uso. Era capaz de falar com Geirmund como amigo e conselheiro, às vezes no mesmo fôlego. Uma vez, bêbado e perdido em lembranças, ele mencionara um tempo no remo, e isso fez Geirmund se questionar se Steinólfur tinha sido um escravo. No entanto, não era certo perguntar a um homem sobre algo que fora dito depois que a bebida o fizera perder



o juízo e a língua já não lhe pertencia. Então, Geirmund guardara essa pergunta para si.

— Você não parece estar com febre. — Steinólfur puxou uma pitada da madeira preta de sua bolsa de pó inflamável, junto com o acendedor de fogo. — Quanta dor está sentindo?

— Só um pouco — disse Geirmund, mas era mentira. Aliviado de seu fardo fraternal, agora notava um forte inchaço no braço, uma dor aguda quando se movia e um latejar constante quando ficava parado. No entanto, não reclamaria daquilo com Steinólfur. Queria primeiro voltar para Avaldsnes e terminar de cuidar de Hámund. — Não precisamos de fogo. Não há tempo para isso.

— Não é mais uma questão de tempo. — O guerreiro mais velho lançou faíscas sobre o pó inflamável, em seguida soprou as chamas com lábios apertados até que o fogo vivesse por conta própria. — Seu irmão encontrará um curandeiro e viverá. Ou não, o destino é quem dirá. Nada que você possa fazer agora vai mudar isso, e precisamos cuidar de seus ferimentos.

Geirmund não disse nada em voz alta, mas sussurrou um apelo interior às Nornas, que determinariam o resultado da cura de seu irmão, se ainda não tivesse sido decidido.

— Pronto. — Steinólfur acenou com a cabeça para o fogo, satisfeito com ele, e olhou para Geirmund. — Mas sei que você não está preocupado com seu irmão, e sim com a raiva de seu pai.

Geirmund fez uma careta.

— Eu *estou* preocupado com meu irmão.

Steinólfur levantou-se e cruzou os braços, esperando até que Geirmund concordasse.

— Mas também estou preocupado com meu pai — ele admitiu, enfim.

O calor do fogo atravessou suas roupas do lado esquerdo, mais próximo das chamas, mas a umidade e o frio ainda tomavam conta do outro lado, e um arrepio de Ginnungagap desceu por sua espinha, entre as duas metades do corpo.

— Quando meu pai vir Hámund — disse Geirmund —, ele vai me procurar e vai me culpar.

Steinólfur relaxou os braços e deu um passo na direção dele.

— Ele vai culpar você, estando lá ou não.

Skjalgi voltou carregando dois odres de água fresca do fiorde.

— Quem vai culpar você? — perguntou o que acabava de chegar.

— Meu pai — respondeu Geirmund.

— Do que ele vai te culpar? — Skjalgi indagou.

— De se intrometer em assuntos que não lhe dizem respeito — disse Steinólfur. — Agora coloque algumas pedras no fogo, garoto.

Skjalgi olhou para Geirmund, e os dois trocaram sorrisos. Em seguida, ele começou a recolher pedrinhas do tamanho certo, as quais jogou nas chamas na beira do fogo para que fossem aquecidas.

— Bem, vamos dar uma olhada em você — disse Steinólfur.

Ele e Skjalgi retiraram a túnica de couro de Geirmund sobre a cabeça, depois a lã, tomando cuidado ao puxar as duas camadas para longe do braço. Geirmund estremeceu quando as fibras repuxaram as feridas, mas as duas vestimentas externas saíram sem reabrir sua pele. Entretanto, a túnica de linho seria mais desafiadora. O tecido havia se misturado com o sangue, que, por sua vez, tinha virado uma coisa só com a carne dilacerada. Para amolecê-lo, Skjalgi tirou as pedras quentes do fogo e jogou-as nos odres com água, que borbulharam e incharam com o vapor. Então, ele pingou a água escaldante no braço de Geirmund enquanto Steinólfur esfregava e afrouxava a túnica o melhor que podia. Geirmund grunhiu e cerrou os dentes por causa da dor, que durou algum tempo até que finalmente conseguissem remover a túnica e examinar o ferimento.

— Muito sangue e bagunça só por causa de um arranhão — disse Steinólfur.

Geirmund olhou para o braço, quase se engasgou e então riu. Muito pior que um arranhão, os dentes do lobo tinham deixado um arco vívido de perfurações e pele rasgada, e a carne ao redor da mordida estava preta, com hematomas quentes e purulentos.

— Tenho certeza de que você já viu piores — comentou ele.

— Já *tive* piores — respondeu Steinólfur. — Até o menino aqui já teve piores.

Skjalgi não disse nada, mas manteve seu rosto impassível ao ver a situação de Geirmund, pois claramente nunca tivera um ferimento daquela natureza. No entanto, a cicatriz profunda e retorcida sobre seu olho provava que vira outros ferimentos, sim, e piores. A árvore que quase lhe tirara a vida esmagara seu pai ao cair. Tinha idade suficiente para carregar uma lança, mas a barba ainda não se desenvolvera, embora, ao contrário de Geirmund, um dia fosse deixá-la crescer, quando a penugem facial de garoto decidisse que ele havia atingido a maioridade.

— Ele é filho de Hjör, afinal de contas. — Steinólfur suspirou e cutucou Skjalgi, tentando despertar alguma alegria no menino e aliviar sua apreensão. — Significa que devemos cuidar dele como um cachorrinho indefeso e assumir a culpa se algo lhe acontecer.

— Acho que sim — concordou Skjalgi, mas em voz baixa.

— Agora — Steinólfur disse, franzindo a testa para o braço de Geirmund —, presumo que você queira manter este membro.

— Se for possível — Geirmund disse. — Minha espada sentiria falta dele.

— Será? Uma espada precisa ser usada, e aposto que ela ficaria feliz em encontrar outro braço que cuidasse melhor dela.

— Como o seu? — Skjalgi perguntou, dessa vez sorrindo.

Steinólfur deu de ombros.

— Possivelmente. Mas já tenho uma espada e farei meu melhor para manter Geirmund unido à dele. — Ele então se despiu da zombaria no olhar e na postura. — Mas, como seu irmão, você também precisará de um curandeiro quando voltarmos.

Geirmund meneou a cabeça.

— Talvez isso acalme um pouco a raiva do meu pai.

— É provável. — Steinólfur voltou-se para Skjalgi. — Pegue mais água. E um pouco de camomila se você encontrar.

Skjalgi tirou as pedras dos odres e saiu correndo, e Geirmund esperou até que o menino estivesse fora do alcance de sua voz antes de falar:

— Você não me segurou aqui apenas para cuidar do meu braço. Tem algo a me dizer.

— Eu tenho. — Steinólfur jogou as pedras dos odres de volta no fogo. — E é isto: ninguém teria pensado mal de você. Ninguém o teria culpado.

— Pelo quê? — Geirmund perguntou como um desafio, porque sabia muito bem o que Steinólfur queria dizer.

O guerreiro mais velho esfregou a testa e suspirou.

— Pessoas morrem. É assim que as coisas são.

Geirmund inclinou-se na direção dele, o calor do fogo em suas bochechas.

— Ele é meu irmão.

Steinólfur concordou com a cabeça, cutucando as pedras e brasas com um graveto.

— Irmãos também morrem. No sul, de onde venho...

— Aqui é Rogaland. — Geirmund sentiu um nó na garganta. — Você não está mais em Agðir, e seria sábio lembrar-se disso antes de falar.

— Sou seu homem de confiança, Geirmund. Se eu não puder falar abertamente com você, então quem poderá?

Geirmund fitou os olhos dele e não viu malícia ali, uma qualidade rara naqueles que o cercavam no salão de seu pai.

— Fale francamente, então. Mas tome cuidado.

Steinólfur hesitou, como um homem prestes a cruzar o gelo da primavera.

— Anos atrás, quando você era ainda mais jovem do que Skjalgi, o vi lutando com Hámund. Observei vocês dois por um tempo e depois fui direto a Hjörri pedir permissão para me tornar seu confidente.

Geirmund lembrou-se do dia em que seu pai o apresentara a Steinólfur. Embora tivesse passado a valorizar a companhia do guerreiro mais experiente, se ressentia de Steinólfur na época, imaginando que ele estava lá para espioná-lo e mantê-lo longe de travessuras, e houve muitos dias em que parecia que Steinólfur se ressentia de seu dever tanto quanto ele. Nunca ocorrera a Geirmund que o homem havia se oferecido voluntariamente para o trabalho.

— Por quê? — perguntou.

Steinólfur deu uma risadinha.

— De fato, por quê? Seus braços eram magros como gravetos, e você mal conseguia empunhar uma espada de treinamento feita de madeira. Mas, mesmo assim — Steinólfur sorriu e apontou o dedo para Geirmund —, você me assustou. Vi fome em seus olhos, e vi raiva, do tipo que nunca se esgota. Eu sabia que você estava destinado a ser rei. Não notei isso nos olhos de Hámund. Nem antes, nem agora. É por isso que sou seu confidente, e não dele. É seu destino ser rei de...

— Chega — Geirmund falou, e então se sentou em silêncio, sopesando as próximas palavras. O guerreiro mais velho o enchera de um orgulho súbito e de uma vergonha oculta; seus pensamentos saltavam em todas as direções, puxados por lealdades opostas, e, à medida que a turbulência diminuía, ele começou a tremer de raiva e dor. — Agradeço por falar abertamente — disse ele.

Steinólfur concordou com a cabeça.

— E agora *eu* vou falar abertamente com você. Nunca mais dirá tais palavras, nem para mim, nem para ninguém. Hámund é mais do que alguém a quem jurei lealdade. É meu irmão — Geirmund falou com a

voz aguda e perigosa. — Nunca mais você falará comigo sobre o que vê nele ou sobre o que acha que falta nele. Jamais saberá das batalhas que travamos, lado a lado, dentro do salão do nosso pai.

O velho guerreiro encarou-o, mudo. Geirmund sabia que Steinólfur tinha ouvido a história de como os irmãos haviam começado a vida na palha com os ratos, o que representava apenas uma fração da história toda.

— Você não conhece a fome e a raiva do meu irmão — continuou Geirmund. — Nem conhece as minhas de verdade.

Steinólfur baixou o olhar para o chão e concordou com a cabeça, aparentemente sentindo que aquilo era o mais longe que poderia chegar em seu propósito sem sofrer consequências irreversíveis.

Momentos depois, Skjalgi trotou de volta, bufando, as bochechas tão vermelhas quanto seu cabelo, e Steinólfur tomou os odres de água das mãos dele. O menino encolheu-se um pouco, olhou de um para o outro segurando alguns caules secos de camomila que sobraram do verão. Parecia sentir que algo havia acontecido em sua ausência, mas sabia que era melhor não perguntar. Steinólfur foi à fogueira para pegar as pedras e acrescentou-as aos odres, depois tomou o braço ferido de Geirmund nas mãos.

— Tente não gritar — pediu ele.

Geirmund cerrou os dentes com força, recusando-se a fazer qualquer tipo de som ou protesto, embora a dor o cegasse. Steinólfur derramou água quente sobre as feridas e as esfregou com um pedaço de linho limpo para enxaguá-las o melhor que podia. Algumas das perfurações reabriram, exsudando uma mistura fedorenta de pus e sangue. Steinólfur apertou as pústulas até que o sangue fluísse puro e escuro, depois ferveu a camomila para cobrir os ferimentos antes de amarrá-los.

— Eu acho que seu braço vai ficar bom — o velho guerreiro disse ao terminar.

O suor escorria pela testa de Geirmund enquanto ele assentia.

— Obrigado.

— Gostaria de ter trazido cerveja ou hidromel — comentou Skjalgi. — Para aliviar a dor.

— Você não teria condições de carregar o suficiente para isso — disse Geirmund.

Colocaram de novo as túnicas em Geirmund pela cabeça e, assim que ele se vestiu, partiram em direção a Avaldsnes. Por insistência de Steinólfur, Geirmund montou o cavalo de Skjalgi enquanto o garoto caminhava

na lama ao lado, mas mantiveram um ritmo que ele poderia acompanhar com tranquilidade. A discordância anterior entre Geirmund e Steinólfur permaneceu não dita, mas ainda presente, e ambos viajaram em silêncio, quebrado apenas por comentários ocasionais de Skjalgi sobre a terra ou a mudança da estação. Por fim, o menino perguntou se algum deles tinha ouvido falar de um dinamarquês chamado Guthrum.

— Ouvi meu pai usar esse nome — disse Geirmund. — É um jarl, eu acho.

— Por que pergunta? — quis saber Steinólfur.

Skjalgi semicerrrou os olhos para ele.

— Alguns homens de um navio mercante mencionaram o nome dele.

— E por que você pensou nele agora? — Geirmund perguntou.

— Sem motivo. — O menino colocou a mão na ponta do machado que pendia ao seu lado. — Dizem que Guthrum está reunindo navios e homens sob o comando do rei Bersi da Dinamarca. Não apenas os dinamarqueses, mas nórdicos também. Talvez até Geats e Svear.

— Para quê? — questionou Steinólfur.

— Para se juntar ao exército de Halfdan e conquistar as terras saxãs.

— Quais terras saxãs? — Geirmund perguntou.

Skjalgi deu de ombros.

— Todas, eu acho.

Geirmund olhou para Steinólfur. O guerreiro mais velho olhou para a estrada à frente como se estivesse segurando a língua, mas Geirmund sabia o que ele estava pensando. Steinólfur sempre falava dos filhos de Ragnar Loðbrok, elogiando seus êxitos no mar. Não mais contentes com os ataques de verão, começaram a tomar coroas e reinos saxões, e, se Steinólfur não tivesse sido jurado confidente de Geirmund, sem dúvida teria cruzado os mares há muito tempo para se juntar à batalha e conquistar a própria casa e terras.

Geirmund olhou para Skjalgi.

— Ouço ansiedade em sua voz. Você quer se juntar a esse dinamarquês?

O menino hesitou, olhando além de Geirmund para Steinólfur.

— Talvez eu queira, sim.

— Não culpo você — comentou Geirmund. — Na verdade, compartilho um pouco dessa ânsia.

— Então, vamos lá — disse Steinólfur em voz baixa. — Peça um navio ao seu pai.

— Você sabe que ele não vai me dar um navio. Não para ataques.

— Por que não para ataques? — Skjalgi perguntou.

Geirmund balançou a cabeça, não sabendo como dizer a verdade sem soar desleal.

— Isso não é um ataque, e você sabe disso. — Steinólfur girou na sela e olhou Geirmund nos olhos. — Hjörri também sabe disso. Ele tem o sangue do pai e do avô correndo nas veias, mesmo que tenha escolhido um caminho diferente. Não seria traição perguntar. É o que um segundo filho deve fazer para abrir o próprio caminho.

Geirmund virou-se, fixou o olhar na estrada à frente e, por algum tempo, não respondeu. Steinólfur falava a verdade, e Geirmund não podia negar. Também era verdade que Geirmund havia muito desejava um navio para sair de Rogaland e encontrar o próprio destino, aonde quer que fosse. No entanto, era um homem dividido e ainda não conseguia deixar o irmão para trás.

— Vou pensar — respondeu por fim.

Após uma pausa, Steinólfur concordou com a cabeça, porém acrescentou:

— Pense nisso, então. Mas pergunte a si mesmo se conhece sua mente. Acredito que sim, e pensar mais não vai mudar nada. Tudo o que resta é agir.

Não falaram mais no assunto enquanto cavalgavam e caminhavam, comendo peixe defumado ao longo do caminho, e logo alcançaram um território familiar. Enquanto o sol descia diante deles, passaram pelas fazendas e propriedades de Avaldsnes, e poderiam ter procurado abrigo em uma delas para passar a noite se desejassem, mas Geirmund queria chegar ao irmão. Assim, depois que o sol se pôs, seguiram adiante na escuridão, a estrada iluminada apenas por uma lua fina e por fogueiras distantes, até depararem com as águas negras do Karmsund.

De Avaldsnes, aquele estreito alcançava quase vinte milhas marítimas ao sul até o enorme Boknafjord, enquanto na outra direção se abria para o Caminho do Norte de rotas baleeiras e comerciais. Do outro lado do Karmsund ficava a casa de Geirmund, na longa ilha-escudo de Karmøy, cujos reis ancestrais tinham suas linhagens traçadas a partir dos deuses. Os mares ferozes além daquela ilha forçavam quase todos os navios em direção ao norte a tomar o canal de Karmsund, e as marés garantiam que parassem em Avaldsnes para adquirirem suprimentos e realizar reparos. Aí residiam a força e a riqueza do salão de seu pai.

Aproximaram-se do Karmsund no ponto mais estreito e passaram sob cinco pedras antigas que se erguiam em ampla formação a cinquenta braças da costa, todas brancas e finas como costelas ao luar. Ninguém conseguia lembrar que povo as erguera ou mesmo se poderiam ser obra de gigantes ou deuses, mas o poder nelas era sentido de forma muito clara. Ficavam perto do local onde Thór teria cruzado o Karmsund, e onde uma balsa agora transportava viajantes para a ilha. O grupo avançado que conduzia Hámund devia ter avisado da chegada de Geirmund, pois os três encontraram um barco esperando para atravessá-los.

À medida que se aproximavam da margem oposta, Geirmund via as silhuetas negras e distantes dos túmulos de seus ancestrais contra o céu noturno ao norte, a maior delas pertencente ao pai de seu pai, Half. Ao aportarem na ilha, viraram para o sul e seguiram a estrada para descansar, e do outro lado de uma pequena enseada chegaram finalmente a Avaldsnes.

Tochas brilhantes queimavam no portão da cidade, o qual se abriu quase no mesmo instante em que o avistaram; sem dúvida, os guardas tinham sido alertados sobre a chegada deles. Assim que entraram na cidade, o portão se fechou, e Geirmund encontrou a estrada principal igualmente iluminada, cuja extensão era percorrida por uma procissão de tochas em direção ao leste a partir do portão, atravessando a cidade e subindo a colina até o cume, onde o salão de seu pai dominava o Karmsund.

— Parece que estavam nos esperando — comentou Skjalgi. — É um conforto.

Geirmund sentiu o início de pavor em seu peito, mas conseguiu rir.

— Ou um aviso.

— Melhor esperar pelas boas-vindas para decidir — disse Steinólfur.

Eles seguiram as tochas pela cidade, e vários rostos familiares surgiram nas portas e janelas por onde passavam, muitos deles dando bênçãos a Geirmund e seu irmão. O cheiro de lenha queimada e os aromas de fogueiras os rodeavam, assim como sons abafados de risadas e até mesmo música vindos de dentro de algumas das casas.

Ao se aproximarem da subida para o salão de seu pai, Geirmund avistou um movimento acima deles, uma sombra entre as pedras monolíticas que haviam sido erguidas no topo daquela colina muito antes de qualquer um de seus ancestrais construir uma casa lá. Ao contrário das pedras pelas quais tinham acabado de passar no Karmsund, essas tinham três vezes a altura de um homem e se inclinavam umas em direção às outras, como as garras de um dragão estendendo-se do solo.



O longo telhado em arco do salão de seu pai erguia-se do cume próximo, mais alto do que as pedras e, de alguma forma, dividido entre a reverência e o desafio à presença delas. Quando Geirmund e seus companheiros alcançaram o topo da colina, a figura entre as pedras saiu para a luz do fogo.

— Geirmund Hel-hide — ela disse, aproximando-se deles enquanto desmontavam.

Geirmund conhecia aquela voz. Reconheceu os chifres projetando-se do capuz de peles de cabra e gato da völva, e imaginou os olhos perturbadores da mulher, azuis e gelados, embora não pudesse vê-los na escuridão.

— Yrsa — disse ele. — Meu pai chamou a senhora?

— Não, não chamou. — A vidente caminhou em direção a eles, os anéis de prata nos pés descalços brilhando na grama, até que ela se aproximou o suficiente para Geirmund ver o sangue na túnica de linho e no rosto dela. Ele esperava que fosse de uma oferenda, e não de seu irmão. — Eu já estava aqui quando Hámund voltou — explicou ela, aparentemente não afetada pelo frio da noite. — Sabia que precisariam de mim e fiquei esperando.

— Claro que ficou. — Steinólfur cruzou os braços e olhou para a mulher com a mesma desconfiança cautelosa que tinha com qualquer praticante de magia que se colocasse entre ele e os deuses, ou que alegasse falar por eles. — Mas, se sabia que Hámund seria ferido, por que não o avisou antes que partisse para a caça?

A vidente sorriu, um sorriso frio, e o pobre Skjalgi se encolheu à sombra de Steinólfur.

— Eu só sabia que precisariam de mim — respondeu ela. — Não sabia o porquê.

— Mesmo assim — voltou a falar Steinólfur, sem se deixar abater. — Quantas razões existem para que um rei possa precisar de uma bruxa?

— Tenho certeza de que meu pai ficou grato por sua presença — disse Geirmund, na esperança de silenciar o guerreiro mais velho. Também tinha dúvidas sobre alguns videntes e feiticeiros, cujas profecias pareciam astuciosamente vagas e convenientes, mas não duvidava dos poderes de Yrsa. — Como está meu irmão?

— Ele vai viver e se curar — respondeu ela.

Skjalgi deu um passo corajoso à frente.

— Geirmund também está ferido. A senhora vai cuidar dele?

A vólva se virou para Geirmund e olhou para o braço dele. Então, se aproximou e fitou seus olhos. Ele não sabia a idade dela. Às vezes, parecia mais velha do que a mãe dele; outras vezes, mais jovem. Mas os olhos não tinham idade.

— Não há necessidade.

Geirmund imaginou se isso significava que ele iria se curar ou se estava condenado e nada poderia ser feito para evitar sua morte, mas Steinólfur falou antes que pudesse buscar esclarecimentos.

— Por que não há necessidade? — perguntou.

Yrsa não desviou os olhos de Geirmund, nem ele dos dela.

— Porque o destino dele está ligado ao do irmão — revelou ela. — Seus fios de vida estão entretecidos por muitos anos vindouros. Se um viver, o outro também viverá.

Steinólfur zombou.

— E se um deles morrer?

A vidente voltou seu olhar de lâmina e o enterrou no guerreiro mais velho, que deu um pequeno passo involuntário para trás.

— Vejo a grandeza alcançada antes de ver a morte deles — disse ela. Steinólfur tossiu e assentiu com a cabeça.

— Pelo menos estamos de acordo sobre isso.

— Obrigado, Yrsa — agradeceu Geirmund. — Por estar aqui.

Ela concordou com a cabeça e se virou, porém proferiu antes de descer a encosta:

— Um dia, Ægir vai engolir você, mas também vai cuspi-lo. É hora de viajar pelas rotas baleeiras, Geirmund Hel-hide.

Então ela se foi.

Skjalgi empalideceu.

— Como ela sabia?

— Sabia do quê? — perguntou Steinólfur.

— Que você disse a Geirmund para pedir um navio.

— Mas não foi isso que ela disse, foi? — Steinólfur segurou firme o ombro do menino e puxou-o para perto. — Escute uma coisa agora. Quando os adivinhos falam, contam com você para consertar os furos nas palavras deles, e você não deve preenchê-los com madeira ou piche para deixá-los prontos para navegar. Um verdadeiro vidente não precisaria da sua ajuda. Ela disse o que disse sabendo que seria a hora de qualquer filho de rei na idade de Geirmund assumir o comando de um navio. Nada de anormal nisso. Percebe?

Skjalgi assentiu com a cabeça, franzindo a testa.

— Ótimo. — Steinólfur soltou o ombro do menino. — Agora, vá dar água aos cavalos e alimentá-los.

Skjalgi assentiu novamente, depois pegou as rédeas dos dois animais e os conduziu para os estábulos.

— É nisso que você acredita? — Geirmund perguntou. — Não há nada no que ela disse?

Steinólfur resmungou e rosnou antes de falar.

— Acredito em tudo o que acabei de dizer àquele menino. Mas também acredito que aquela mulher me assusta, e não gosto de ter medo.

— “Mostre-me um homem que nunca tem medo e eu lhe mostrarei um idiota.” Essas são suas palavras, caso tenha esquecido.

— Eu sempre fui um idiota.

Geirmund sorriu. Então, olhou para o braço ferido.

— Você pode ser um idiota, mas tem minha gratidão. E espero que não fique ofendido quando eu pedir a um curandeiro que dê uma olhada no seu trabalho.

Steinólfur riu.

— De modo algum. Eu insisto.

Geirmund concordou com a cabeça e se virou para entrar e enfrentar o pai, mas o guerreiro mais velho o segurou.

— Mais uma palavrinha deste idiota aqui — ele disse, olhando para além de Geirmund até a porta do salão. — Ele pode culpá-lo. Pode estar com raiva de você e repreendê-lo. Mas não dê atenção a isso. Descanse esta noite sabendo que salvou a vida do seu irmão, e há honra suficiente nisso para cobrir qualquer erro que ele possa lhe atribuir.

Geirmund inspirou fundo, então concordou com a cabeça novamente.

— Descanse esta noite sabendo que você provavelmente salvou nossas vidas.

— Vou esperar um bracelete pela manhã — comentou Steinólfur.

Geirmund deu uma risadinha e seguiu até a porta. Antes de abri-la, endireitou as costas e ergueu o queixo. Então, ele e Steinólfur entraram no salão de seu pai.